

Esta apostila é uma tradução adaptada, do capítulo II da primeira parte da publicação Acción Cultural Popular - Sus Principios y Médios de Acción; Consideraciones Teológicas y Sociológicas, publicado por ACPO, da Colômbia, em 1960. O texto original foi escrito pelo Pe . Francisco Houtart; a tradução e adaptação é de Sinésio Bacchetto.

Esperamos que ela possa servir para os estudos de nossas equipes, facilitando-lhes a compreensão da realidade sócio-cultural, ponto importante para quem faz um trabalho como o do MEB.

INTRODUÇÃO

Não é suficiente saber que uma ação cultural responde a uma exigência interna de nossa visão do mundo e a uma fidelidade da vontade de Deus. Qualquer ação responde a seu fim fundamental somente quando é eficaz.

Para que a ação cultural seja eficaz, é necessário conhecer as características fundamentais da vida em sociedade. A ação cultural, na realidade, não é somente individual, pois faz mudar atitudes, comportamentos e valores sociais.

A sociedade humana é um todo, que não permite a ação sobre um dos elementos, sem que se produzam consequências em todos os outros. Esta é a razão da importância de um conhecimento básico da sociedade.

Vamos dividir nossa análise em três partes fundamentais:

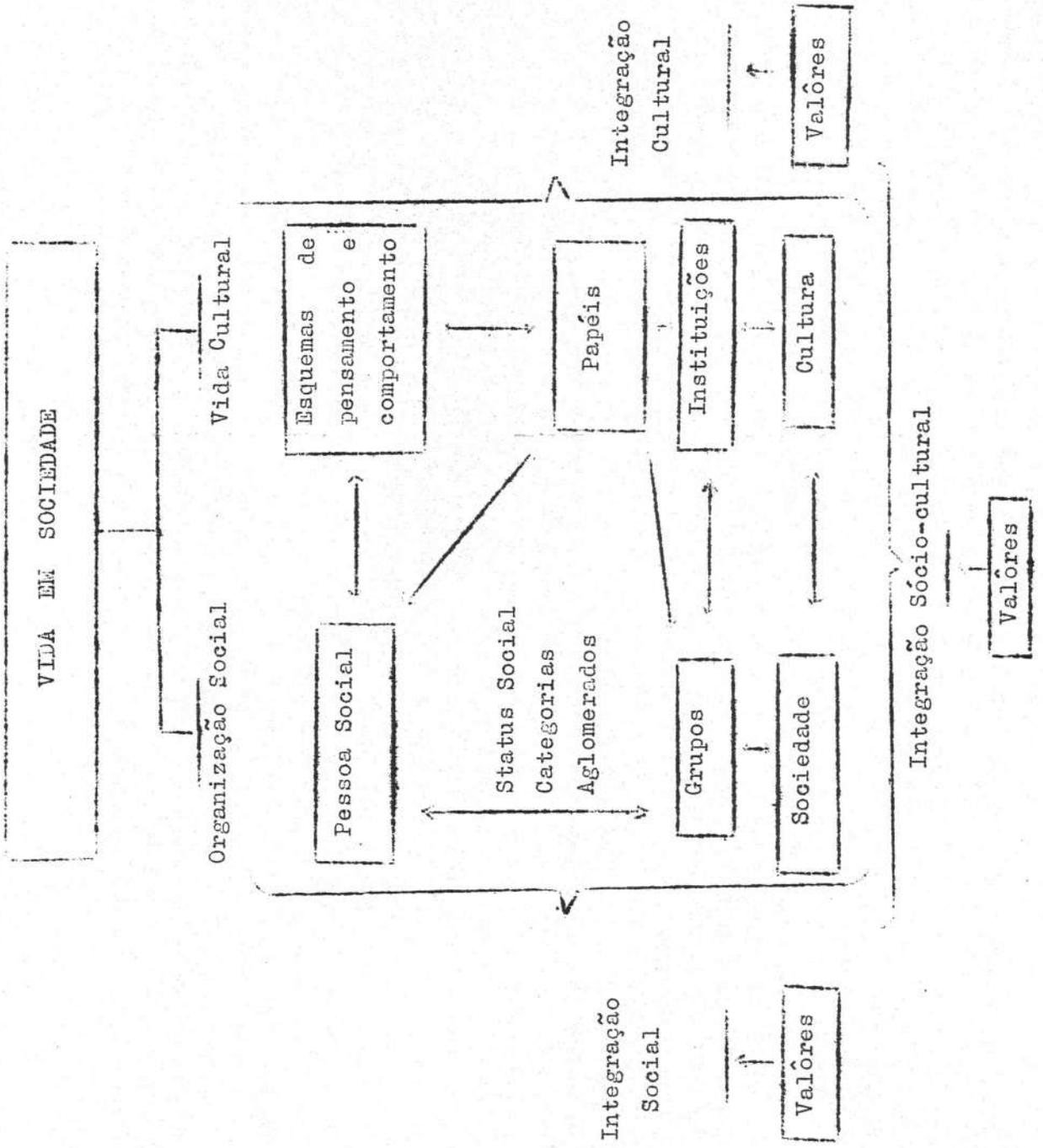
1. a organização social
2. a vida cultural
3. a integração sócio-cultural

A organização social significa o modo segundo o qual os elementos da vida social (pessoas e grupos) estão relacionados. Exemplificando: o lugar que ocupa o camponês na sociedade, a relação entre o Município e o Estado etc.

A vida cultural, tomada num sentido amplo, é o conjunto de mentalidades e de comportamentos sociais (esquemas de pensamento ou de comportamento, papéis e instituições). Sabemos que a maneira de pensar dos trabalhadores não é a mesma dos patrões, como o comportamento dos camponeses não é o mesmo que o da classe média.

Por último, a integração sócio-cultural, que significa a relação entre a organização, por uma parte, e a cultural, por outra. Em muitos casos, esta relação não é satisfatória, porque a organização social não corresponde ao nível cultural. O sistema de posse da terra, por exemplo, não permite aos camponeses exercer a agricultura. A integração sócio-cultural, neste caso, é deficiente.

O esquema seguinte ilustra uma adaptação do livro do P. Fichter, sj., "Sociologia" (Univ. of Chicago Press, 1957).



1. A ORGANIZAÇÃO SOCIAL

1.1. Toda pessoa está, continuamente, em relação com outras; assim, cada pessoa encontra-se num estado contínuo de aprendizagem social, dado que essas relações se renovam e se diversificam sem cessar. Cada um se constitui numa espécie de receptáculo, acumula uma série de experiências sociais e, ao sair desse quadro de referências, amplia sua experiência e renova suas relações sociais. O Homem é uma pessoa social.

Seu João tem uma família e cada dia está em contato com sua mulher e seus filhos. Também trabalha em uma fazenda, junto com outras pessoas; comenta com elas os acontecimentos sociais locais, as notícias do rádio e da imprensa. Cada semana vai à feira, onde se encontra com o pessoal da cidade: o chofer do ônibus, o comerciante, o viajante etc.

Todos esses trabalhos e experiências sociais enriquecem a "pessoa social" de Seu João.

Na sociedade, atribui-se a cada pessoa um "status social", que significa a posição, o nível social, atribuído a essa pessoa por seus conhecidos, em razão de sua antecedência, sua fortuna, sua educação, sua instrução, sua profissão, sua idade, seu sexo. Não se trata, pois, do que se crê ser diante dos demais, nem do que se é para uma outra pessoa, senão do que se é para um conjunto ou uma parte dos indivíduos que integram o próprio universo social. O "status social" suscita, na mente do que observa a realidade social, as noções de igualdade e de nível social.

Seu João é um camponês. Tem uma propriedade pequena. Somente três hectares e uma casa modesta. Tem que trabalhar para seu patrão, que é o proprietário de uma grande fazenda. No país em que vive, a estima social se mede, em grande parte, pela dimensão das terras que as pessoas possuem. Assim, o status social de Seu João é inferior, dentro da escala social do país, ao status de Seu Alexandre, o dono da fazenda; mas, por outra parte, Seu João tem um status social mais elevado que o de Seu Pedro e Seu Elias, que não possuem terra alguma.

Utilizando, como base, as realidades objetivas do status social, constroem-se "categorias sociais". Estas se baseiam nas semelhanças e nas características e, mais nitidamente, sobre os status sociais citados, como por exemplo, os proprietários, os trabalhadores, os camponeses etc.

Um dos tipos de categoria social mais importante é formado pelas "classes sociais", constituídas de pessoas que têm, numa determinada sociedade, os status sociais reputados como elevados, médios, inferiores, isto é, os que são assim considerados na opinião geral.

As categorias sociais são, pois, categorias "objetivas", mas relativas na apreciação geral de cada sociedade.

No campo, há categorias sociais bem definidas, que estão baseadas nos status sociais. Assim, temos a categoria dos latifundiários, possuidores de muitas terras; a categoria dos pequenos proprietários; a dos arrendatários, parceiros, meeiros e assalariados, que não têm terra própria. Podemos dizer que estas integram classes sociais no campo. Seu João pertence a uma categoria média.

As pessoas que estão apenas fisicamente próximas, constituem um aglomerado social, por exemplo, uma multidão, um público, um auditório... O aglomerado social é, portanto, uma noção diferente da categoria social; junto, à noção de categoria, o sentido de proximidade geográfica. Não se deve confundir com um grupo social, que implica relações entre as pessoas que são parte dele. No caso do aglomerado social, trata-se somente de um determinado número de pessoas justapostas. O aglomerado caracteriza bem a realidade dos meios urbanos modernos, onde os cidadãos constituem, em grande parte, aglomerados sociais, quer dizer, estão em estado de proximidade física, sem estar por isso verdadeiramente em relações recíprocas ativas.

Quando Seu João está no mercado da cidade, constitui, com toda a gente da praça, um aglomerado social. Há uma unidade física e geográfica entre toda essa gente, mas não há relações sociais ativas entre todos; o mesmo acontece quando Seu João vai a um cinema.

É certo que êsses aglomerados podem reagir coletivamente. No cinema, por exemplo, todos riem em conjunto, aprovam ou desaprovam as atividades dos atôres, o mesmo acontecendo nos comícios políticos, nos campos de futebol etc. Estas são reações de massa, de multidão, importantes na vida social, mas que, às vezes, podem conduzir a pessoa a assumir atitudes que não são realmente pessoais. Foi o que ocorreu quando Seu João se viu gritando, no meio da multidão, contra os jogadores de futebol que iam perdendo a partida.

1.2. Nem a categoria social; nem o aglomerado social se aproximam da densidade real do "grupo social", que está constituído por indivíduos em estado de relações recíprocas, agindo e reagindo uns sobre os outros, com um mínimo de organização de grupo constituído. Os que gostam do esporte formam uma categoria, os espectadores de uma partida esportiva formam um aglomerado, o time de futebol forma um grupo.

Existe uma infinidade de grupos sociais, mas pode-se distinguir, de uma forma geral, os grupos primários e os grupos secundários.

O grupo primário é integrado por coletividades relativamente compactas de indivíduos, que têm relações íntimas, experimentam um sentimento de solidariedade e adesão íntimas, apresentando valores sociais comuns.

O grupo secundário ou associações de tipo mais voluntário, mais contratual, é resultante de uma organização. Sem generalizar, pode-se dizer que o mundo rural é constituído por grupos primários, enquanto o mundo urbano acrescenta, ao lado de grupos primários, uma maioria de grupos secundários. É difícil dar exemplos, já que o limite entre o grupo primário e secundário pode ser flutuante. Diz-se que a família é, por excelência, o grupo primário, enquanto um clube de futebol, é, tipicamente, secundário e associacional.

No povoado "Serra Alta", há um grupo de vizinhos que se conhecem muito bem, têm relações estreitas por causa do trabalho; as mulheres vivem quase sempre juntas e as crianças jogam nos mesmos lugares; Seu João é um desses vizinhos. Constitui um grupo social junto com outros, porque está em relação constante com eles. Todos se conhecem e formam um grupo primário.

Por outro lado, como Seu João cultiva feijão, faz parte de uma cooperativa. Isto é resultado de um ato bem definido, de um contrato firmado. Como resultado, Seu João conhece várias pessoas, mantém relações com elas, forma também um grupo social com estas pessoas, mas este grupo já é de tipo secundário ou de associação. Encontra-se com elas apenas para relações comerciais e não em virtude de relação mais íntima.

Seu João também faz parte de uma Paróquia, que tem 17.000 fiéis. Ele sabe que pertence à paróquia e contribui materialmente para sustentá-la. Mas não pode ter relações íntimas com todos os 17.000 fiéis. Forma com eles um outro grupo secundário.

1.3. Partindo assim do particular — a pessoa social — para o geral — os grupos — chegamos progressiva e finalmente, à noção de "sociedade", que é integrada pela reunião de grupos e se apresenta como um todo, como uma coletividade organizada de pessoas, que moram num território comum cooperam para a satisfação de suas necessidades sociais fundamentais e funcionam como uma unidade social distinta de outras sociedades.

Seu João é brasileiro. Isto significa que faz parte de uma nação: o Brasil. Esta nação é uma sociedade, quer dizer, um conjunto de pessoas e de grupos, que vivem sobre um território e que estão organizados para prover as necessidades fundamentais da vida social: família, educação, vida econômico-social, vida política, vida cultural, recreativa e vida espiritual. Esta nação agrupa todas as pessoas e todos os grupos particulares e os organiza politicamente. Periódicamente, Seu João participa das eleições que têm como fim a organização política do país.

Tudo isso constitui apenas um aspecto parcial da vida em sociedade. Acabamos de refletir sobre o que são as "pessoas sociais". Mas estas pessoas vivem, agem. E quando nos referimos ao "agir", podemos imaginar um novo processo mental de análise da realidade.

2. A VIDA CULTURAL

2.1. Observando as pessoas sociais, comprova-se que todas seguem um certo número de comportamentos semelhantes, dentro de circunstâncias similares, chamados "esquemas de comportamento", que informam sua maneira de atuar. Existem modelos praticamente universais para determinada sociedade, onde todas as pessoas estão de acordo em alguma coisa, sem dar-se conta desta uniformização universal. Estes são os hábitos sociais. Por exemplo, honrar os pais. Outro modelo, menos universal, em uma sociedade determinada, mas também muito generalizado, são os costumes sociais, aos quais cada um se submete, sob pena de cair em ridículo ou de ser repreendido. Exemplificando: vestir um traje adaptado às circunstâncias. Por outra parte, existe um acúmulo de verdadeiros modelos de comportamento, que são, sem dúvida, mais particulares, mais facultativos. São os usos sociais onde incluem, por exemplo, as normas de boa educação. Há em todas as sociedades modelos de comportamento que se podem catalogar como hábitos, costumes e usos.

Até agora, seguimos Seu João em suas relações com pessoas e grupos. Mas como age Seu João na vida social? Qual seu comportamento?

O que primeiro chama a atenção é que Seu João, em muitas circunstâncias, comporta-se exatamente como o restante da pessoal. Assim quando entra na igreja, tira o chapéu (costume social), quando vai, domingo, a uma festa, põe seu melhor traje e cumprimenta os outros, dando a mão (um uso social). Não tem que inventar coisa alguma. Todos esses comportamentos estão esquematizados e por isso se chamam "esquemas de comportamento". Seu João cumpre tudo isso porque todos os outros também assim o fazem.

2.2. Na realidade, os homens em sociedade, não somente se comportam de maneira parecida, mas também pensam de maneira semelhante, têm "esquemas de pensamento" ou modelos conceituais de conduta, que provêm, precisamente, do fato de que eles atuam ou reagem uns sobre os outros, tendo como base um capital cultural, que é comum a todos. Ao afrontar determinados fatos, a reação interior será a mesma em todas as pessoas (aprovação ou desaprovção), porque há esquemas de pensamento similares.

Seu João também participa dos esquemas de pensamento dos camponeses. Reage exatamente da mesma maneira que os outros homens do campo quando vê a gente da cidade, aos domingos, chegar para seus sítios. Há certas coisas que Seu João nunca faria. Por exemplo, cansar assim um cavalo, deixar que as mulheres se vistam de certa forma etc.

É claro que os esquemas de pensamento de Seu João seguem uma escala de valores, por assim dizer, de apreciações, que, nem sempre, são corretas. Seu João acha, entre outras coisas, que o sabonete perfumado é luxo, que os legumes só servem para os animais etc.

2.3. Assim como a observação do que "são" as pessoas sociais revela diferenças e níveis de status sociais, também a observação do que "fazem" revela a diferença e os níveis de "papéis sociais".

Em uma situação social, toda pessoa desempenha um papel ou, mais exatamente, seus múltiplos papéis resultam de tudo o que faz na vida em sociedade. Ainda tomando Seu João como exemplo, vemos que ele é, ao mesmo tempo, pai de família, agricultor, fiel de uma Igreja e membro de um sindicato. Mais exatamente ainda, toda pessoa desempenha um papel chave ou principal, que corresponde a seu status principal, ao redor do qual se tece a rede de suas relações sociais.

Os papéis sociais são, de fato, uma série de esquemas de comportamento, que se organizam ao redor de uma função social (pai, camponês etc.).

Seu João tem vários papéis sociais. É espôso e, como tal, tem que cumprir uma série de deveres resultantes dos esquemas de comportamento de espôso. Como membro da paróquia, também cumpre seu papel de fiel, assistindo sua missa, ajudando em várias atividades. Também tem responsabilidades como membro do sindicato, onde exerce, como secretário, um papel importante. Sabe que, nestas funções, deve atuar desta ou daquela maneira, como todos esperam dele. Como pessoa, ele desempenha um papel social, mas realiza isso sempre em função de um grupo.

Por que as pessoas têm modelos de comportamento, esquemas de pensamento, por que assumem papéis sociais? Porque estas são as condições básicas para obter os benefícios que só a coletividade pode proporcionar aos indivíduos. Seria impossível obter instrução se algumas pessoas não desempenhassem o papel de professores, outras o de alunos e se cada qual não respeitasse os comportamentos estabelecidos, conforme seu papel: estar presente na classe, expor uma lição, ficar atento à explicação, fazer tarefas e assim por diante.

Seu João não vive num deserto. Vive com outros indivíduos e por isso são necessários atos sociais, que se impõem. É claro que temperamento de Seu João e a sua personalidade psicológica atuam sobre a sua maneira de realizar atos sociais. Entretanto, estes atos sociais são leis da vida na sociedade, pois, sem comportamentos esquematizados, sem papéis definidos, a vida social seria impossível.

Seu João tem filhos. Preocupa-se muito com a educação deles. Uma grande parte da educação consiste, justamente, em ensinar-lhes quais os esquemas de comportamento e como se cumprem seus papéis. Ele ensina seu filho, de sete anos, como comportar-se com os adultos, enquanto sua mulher vai ensinando a menina, de cinco, como deverá proceder à mesa.

2.4. Sob os efeitos da colaboração mais perfeita entre pessoas sociais, os esquemas e os papéis se encadeiam, se organizam ao redor das "instituições sociais", cuja enumeração mostra bem a meta visada por cada uma. As seis maiores instituições, que correspondem às principais em todas as sociedades, são: a instituição familiar, a educacional, as instituições econômicas, políticas, religiosas e recreativas.

Estes tipos de instituições encontram-se em todas as sociedades, ainda que entendidas de modos diferentes. Cada instituição maior engloba múltiplas instituições menores, que correspondem aos papéis, aos modelos e aos esquemas parcialmente uniformes. Assim, as instituições políticas englobam os partidos políticos, as representações desses partidos nas câmaras do Senado e na Câmara dos Deputados, sendo as próprias câmaras também instituições políticas etc.

Em sua vida social, Seu João está continuamente em contato com instituições. À medida que a vida social do campo se desenvolve, mais instituições são necessárias para dar colaboração e organização às pessoas que vivem no campo. Seu João pensa que a vida moderna é realmente complicada. Há poucos anos, bastava ter contato com a feira, a escola e os compradores de seus produtos. Agora, tem que se associar, que se interessar pelo sindicato, pelos candidatos políticos, tem que saber o que o Governo faz com seus produtos, tem que saber qual o modo que seu país é governado, quais as relações que se tem com os outros povos do mundo. Isso pode ser um pouco mais complicado, mas é também um meio de valorizar mais o seu trabalho, sua contribuição para uma sociedade humana da qual ele faz parte.

Na sociedade onde vive Seu João, as seis necessidades básicas de todo indivíduo são realizadas através das seis instituições fundamentais. Como membro da espécie humana, ele tem o dever de prolongá-la e para isso existe a instituição familiar. Mas não basta ter filhos. Ele precisa educá-los, segundo valores pessoais e sociais. A família trata de cumprir, em grande parte, especialmente no campo, esta obrigação; mas há, também, uma instituição educativa especial: a escola.

Para viver, êle tem que trabalhar e estar dentro de tãda uma organizaçãõ econõmico-social. Necessita da instituiçãõ econõmica. Como a sociedade deve ser organizada, tãbẽm a instituiçãõ polĩtica, em seus diversos nĩveis, exige sua participaçãõ.

No campo, a vida recreativa e cultural nãõ estã muito organizada. Mas ẽ uma necessidade bãsica para Seu Joãõ. Ɛle nãõ sabe muito bem porque muitos camponeses, por nãõ terem essas possibilidades, se dãõ à bebida...

Temos, por exemplo, a instituiçãõ religiosa, como a Igreja, que corresponde às necessidades espirituais e ajuda a comunicaçãõ com Deus. Dentro da Igreja, seja ela de que credo fõr, hã inũmeros papẽis e comportamentos sociais esquematizados. Como se trata de uma parte importante da vida dos homens, os papẽis e as instituições menores, dentro da Igreja, podem prejudicar a prõpria comunicaçãõ com Deus, quando sãõ tidos em exagẽro. Mas, quando sãõ bem vividos, sãõ meios que facilitam essa comunicaçãõ.

Cada instituiçãõ organiza papẽis sociais. Assim, em seu papel de espõso e pai, Seu Joãõ constitui com sua mulher, em seu papel de espõsa e mãe, com seus filhos, em seus papẽis de filhos e irmãõs, a instituiçãõ familiar. A famĩlia reũne e organiza, de maneira institucional, os papẽis sociais de cada um. Se ẽles nãõ desempenham bem ẽsses papẽis, haverã crĩticas e sanções. Pelo contrãrio, se os filhos vivem seu papel filial, haverã aprovaçãõ, tanto de Seu Joãõ e de sua mulher, como, às vẽzes estĩmulos e recompensa.

O mesmo ocorre em cada instituiçãõ. Uma emprẽsa comercial tem o seu gerente, seus funcionãrios, seus fregueses, seus vendedores, todos com um papel determinado numa tarefa, visando a obter uma finalidade econõmica.

2.5. Assim, partindo do particular para o geral, chegamos à noçãõ de "cultura", que estã constituĩda pelo conjunto de instituições, de papẽis, de esquemas de pensamento, de comportamentos prõprios em uma sociedade determinada. A cultura ẽ, por uma parte, hereditãria e, por outra, estã ligada ao meio geogrãfico. Por isso mesmo, hã diferentes unidades culturais, que podem compreender subculturas parcialmente diferenciadas, ligadas a territõrios mais limitados e meios mais restringidos.

Seu Joãõ, por pertencer à sociedade brasileira, toma parte na cultura brasileira, isto ẽ, na maneira de agir e de pensar, na obrigaçãõ de desempenhar papẽis sociais nas instituições prõprias do Brasil.

Ɛste modo de viver brasileiro nãõ ẽ completamente diferente das outras maneiras de viver no mundo. Mas ẽ, sem dũvida, muito mais semelhante aos modos de viver na Itãlia e em Portugal, do que no Japãõ ou na China.

Entretanto, Seu João sabe, também, que, mesmo no Brasil, há subcul-
turas. Ele sabe que os costumes dos que moram no Rio Grande do
Sul são diferentes dos costumes das pessoas que moram no Pará,
por exemplo.

3. A INTEGRAÇÃO SÓCIO-CULTURAL

3.1. Integração significa harmonia. Há integração social quan-
do as pessoas e os grupos se coordenam bem. Há integração cultu-
ral quando os esquemas de pensamento e de comportamento se organi-
zam bem em papéis sociais, sem conflitos de papéis nas institu-
ções.

Seu João gosta que as famílias de Serra Alta formem um bom
grupo. Há integração social entre elas.

A integração sócio-cultural significa que há harmonia, não
sòmente na organização social e na vida cultural, mas também en-
tre o social e o cultural, isto é, a organização social é tal,
que permite a ação de pessoas e dos grupos e que, por outra par-
te, os esquemas de pensamento e de comportamento, os papéis e as
instituições são capazes de responder à organização social.

Este é um ponto central na vida social de Seu João. Ele tem
um conhecimento bastante bom de agricultura e quer cumprir seu pa-
pel de agricultor responsável e eficaz. Recebe, pelo rádio e pe-
los jornais, uma série de esquemas de pensamento sòbre sua digni-
dade social. Mas a estrutura agrária não lhe permite realizar tu-
do isso, ou melhor, a organização social não corresponde às exi-
gências da vida cultural. Não há integração sócio-cultural. Para
realizá-la, êle necessita de uma Reforma Agrária, de escolas, de
atuação política no seu partido e no seu sindicato. Precisa agir
para mudar a organização social e melhorar a situação cultural.

Êle, porém, conhece um outro agricultor que tem terras, mas
não as sabe cultivar, não utiliza adubos e deixa que a erosão ata-
que o solo. Aquêlecamptonês não sabe ler e assim lhe faltam os
meios para alcançar melhor conhecimento. Seus esquemas de compor-
tamento, na agricultura, são péssimos. Por isso, não sabe educar
seus filhos, nem vive bem com sua mulher. Não participa da vida
da comunidade, nem se interessa pelo sindicato ou pela cooperati-
va. Embora tenha terras e dinheiro, não tem cultura suficiente pa-
ra se integrar com os outros. Não está integrado culturalmente.

3.2. Contudo, não temos uma explicação total da realidade só-
cio-cultural ou da vida em sociedade. Faltam elementos que unam,
orientem e organizem todos os outros elementos.

Vimos que existem status sociais, esquemas de comportamento, maneiras de desempenhar os papéis, integração dos pontos-de-vista social e cultural. Vimos, também, que há diferenças nos pensamentos e comportamentos. Mas qual é a base? São os valores que os grupos humanos assumem.

Só em função de uma escala de valores se aprecia tal ou qual status social (valor atribuído à posse da terra). A apreciação do cumprimento dos papéis (pai, professor etc.) depende também de uma escala de valores. A importância de tal ou qual instituição (família, a escola etc.) depende de sua posição na escala de valores.

Um objeto tem valor na medida em que é indispensável pelos serviços que presta; a caneta, que se usa para escrever, tem um valor real, porque agora estamos escrevendo; o grau que lhe atribuo, por razões psicológicas e afetivas, faz com que a caneta tenha um valor muito maior, porque me foi dada por uma pessoa muito querida; enfim, posso atribuir-lhe um valor social, não a considerando uma caneta comum, mas de muito boa marca.

O grau de valor, ligado realmente a um objeto ou atribuído a êle, mede o grau de afeto que se tem pelo objeto. O grau de necessidade de um objeto depende da utilidade que êle traz. O valor de um objeto é o motivo único para me fazer desejá-lo, comprá-lo ou guardá-lo com carinho.

Acontece o mesmo com todas as realidades sociais e culturais que vamos analisar: a aprendizagem social e esquemas, status e papéis, grupos e instituições, tudo tem um valor real ou atribuído pelo conjunto de indivíduos e estes "valores sociais" medem o grau de afeto ou de necessidade do conjunto com respeito a estas realidades sociais.

Os valores sociais resultam do consenso das pessoas sociais, face à importância dos hábitos, dos costumes, dos usos e de sua conformação a tais modelos, à aquisição de um status, à participação em tal instituição, ao desempenho de tal papel etc.

Os valores sociais são os que unem o social e o eventual, por que são a base do que as pessoas desejam fazer para ser ou, subsidiariamente, o que desejam ser para poder fazer.

Voltemos ao Seu João. Sua maneira de pensar sobre o sabonete e os legumes, por exemplo, é o resultado do pouco valor que êle dá a estas coisas. No dia, porém, em que êle lhes reconheça um valor, seu pensamento e depois seu comportamento irá mudar. Poderíamos imaginar que uma ditadura policial impusesse a todo mundo a obrigação de usar sabonete. O comportamento mudaria, por obrigação, mas os esquemas de pensamento não mudariam. Seu João passaria a usar sabonete por medo e não por convicção. Essa a razão de uma verdadeira educação atuar primeiro, sobre os valores

de um grupo humano. Um comportamento externo não tem valor se o homem não o adotou, interiormente, como um valor.

O valor é a base da vida cultural, quer dizer, dos esquemas de pensamento e de ação, como da organização desta ao redor de uma função social (papel) ou de uma necessidade fundamental.

Tôda diferença cultural se explica por uma diferença nas escalas de valores, na diferente avaliação que fazem os grupos e categorias sociais. Seu João aprecia uma série de coisas, nas uma família de outra província ou a família urbana apreciam outras coisas.

Pode-se considerar, de modo separado, o social e o cultural, mas só abstratamente. O cultural representa o aspecto dinâmico da organização social na série que vai do particular — a pessoa e os esquemas — ao mais geral — a sociedade e a cultura. Mas, dentro da realidade concreta, esta dissociação é impossível. O fato de existir e de agir estão intimamente ligados um ao outro. Em outras palavras, a realidade social é, necessariamente, uma realidade sócio-cultural.

Imaginar uma organização social sem vida cultural é como parar um filme de cinema numa cena só. Todos os personagens estão também num meio social, mas sem vida, sem ação.

3.3. Uma última noção tem que estar em nosso esquema: aspecto dinâmico. A vida social é uma vida e não um esquema estático, parado. A realidade social está sempre mudando.

Quem observa e reflete, comprova a mudança das relações, do status, dos grupos, das organizações, nos comportamentos, nos papéis, nas instituições, na cultura.

A mudança provém da própria vida. As crianças crescem e, depois de poucos anos, são adolescentes e adultos. Mudam os papéis, na família. Podemos mudar de residência e só por isso mudar de status social. As atividades humanas criam novos tipos de trabalho e, em consequência, nova organização no trabalho surge, trazendo novos papéis sociais (patrões, chefes etc.) e novos grupos ou instituições (fábricas, sindicatos etc.).

Tudo isso atua também sobre os valores que se tem. Novas coisas adquirem valor social, por exemplo, a alfabetização, a conscientização, a comunicação pelo rádio... Dáí decorrem grandes mudanças de comportamento.

Uma sociedade estática, sem mudanças, sem movimento, é uma sociedade morta, um objeto de museu.

Não podemos pensar que Seu João não vive certas mudanças. Em sua própria família, seu papel muda muito. Na idade de 10 anos, ele era um menino obediente aos pais. Agora, tem outro tipo de relação com eles, que já são velhos. Ainda os respeita, ajuda-os e, em muitos casos, tem que decidir por eles. Também cumpre novos papéis: agora é marido e pai. Isso significa em grande mudança na personalidade social de Seu João: novos valores, novos tipos de comportamento.

O irmão de Seu João emigrou para a cidade. Às vezes, volta para visitar os parentes. Agora, tem uma profissão de operário numa oficina mecânica. Para ele, a mudança foi muito grande: tanto grupos novos e papéis sociais aos quais não estava acostumado. No princípio, isso provocou um golpe psicológico muito forte. Estava tão habituado a viver em grupos primários, aos contatos diretos e íntimos, com gente muito conhecida. Agora, tem muito mais contatos, com muito mais gente, mas quase sempre para um fim ou para uma função bem determinada. Em muito pouco tempo começou a apreciar novos esquemas de comportamento e a abandonar os antigos. Entre outros, hoje, já não se veste mais como quando morava na roça.

Como a realidade social é uma, não podemos isolar elementos sociais ou culturais. Uma mudança em uma parte produz uma mudança em outros elementos.

Não se pode mudar grupos sem que haja uma mudança de papéis, significando uma mudança de papéis a necessidade de modificar os esquemas de comportamento. E se as mudanças de papéis são numerosas, mudam-se as instituições.

É claro que uma mudança de valores é fundamental. Já vimos que os valores são a base de toda cultura e também parte importante da organização social. Assim, uma modificação na escala de valores tem uma influência global.

Toda ação sobre a organização social tem conseqüências sobre a vida cultural e toda ação cultural, se não muda diretamente a organização das estruturas sociais, cria um estado de não-integração cultural, que exige a mudança.

O fato de ser secretário do sindicato deu a Seu João um papel novo, mas este papel é novo não somente para ele. É a primeira vez que há um sindicato na comunidade. Há, assim, a criação de diversos novos papéis e uma nova instituição que transforma as pessoas, fazendo delas um verdadeiro grupo social; antes, formavam apenas um aglomerado.

Os fatores de mudança são muito numerosos. Um dos mais influentes no mundo moderno é a técnica, que facilita a comunicação entre os homens. Seu João se lembra que, há 25 anos, ainda não havia ônibus para ir do município à Capital. Agora, já há Correio

no seu povoado. Os aviões quase não existiam e o rádio era só para os muito ricos.

Estes fatores provocaram uma mudança fundamental na instituição econômica. Criou-se a indústria. Surgiram os papéis de vendedores e viajantes. Formaram-se novos grupos e novos valores. Multiplicaram-se, de muito, as viagens.

Hoje, se fala muito em mudança social. Mas todas as mudanças que se processam na sociedade são sociais, ou melhor, sócio-culturais. A sociedade está sempre em estado de mudança e podemos dizer que a integração cultural nunca será perfeita. Sempre se buscará um equilíbrio mais perfeito. E isso é precisamente a própria vida.

Uma mudança social em um sentido técnico é uma mudança tão profunda e tão brutal que afeta todo o equilíbrio sócio-cultural, em todos os aspectos da organização social e cultural. É a situação, por exemplo, de regiões rurais que se industrializam rapidamente. É também a situação do conjunto do continente latino-americano, que experimenta uma explosão demográfica (160 milhões em 1950, mais de 300 milhões previstos para 1975 e mais de 600 milhões para 2.000, conforme os cálculos da ONU) e grandes mudanças qualitativas, como no emprêgo de mão-de-obra e na urbanização, diminuindo o número de pessoas na agricultura e aumentando-o nas cidades.

A mudança social afeta quase todos os grupos em sua organização, cria, de repente, novos papéis sociais, faz desaparecer outros, cria a necessidade de novas instituições, inverte os valores e produz desequilíbrios sociais que podem dar origem a situações verdadeiramente explosivas.

* * *

NOTA: Neste trabalho há uma abordagem do problema cultural, que é apresentado mais como um comportamento da pessoa do que como uma atitude de criação e de transformação em relação ao mundo. Resolvemos não modificá-la, dada sua integração no texto. Também a concepção de integração sócio-cultural, é encarada sob o mesmo aspecto. Preferiríamos uma abordagem onde a integração fôsse compreendida numa linha de conscientização, mais familiar ao MEB. Entretanto, é válido também considerar posições diversas.

/eh.

M E B

ORGANIZAÇÃO
SOCIAL

Série A - Apostila 6